

*Discurso na cerimônia de apresentação da diretoria da Anatel e dos novos secretários do Ministério das Comunicações.*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 5 DE NOVEMBRO DE 1997

*Meu caro Ministro e amigo Sérgio Motta; Senhores Parlamentares que aqui se encontram; Dr. Juarez Quadros, Secretário Executivo do Ministério; Dr. Guerreiro, novo Presidente da Anatel; Senhores Secretários de Serviços Postais, Serviços de Radiodifusão do Ministério das Comunicações; Senhores Diretores da Anatel e da Empresa de Correios e Telégrafos; Senhores aqui presentes; Senhoras,*

Eu creio que hoje, realmente, como pela manhã eu me referi, é um dia glorioso, por muitas razões. E uma delas é o fato de que nós estamos – como o Ministro Motta, de maneira tão expressiva e minuciosa, nos mostrou – marcando o término de uma etapa de trabalho no Ministério das Comunicações e o início de uma outra etapa de trabalho nesse mesmo Ministério.

Isso, somado à continuidade do programa de privatizações e somado ao fato de que o Brasil continua sendo um país que tem rumo, tem confiança, tem programa, nos alenta. E não são palavras vãs. Esse rol imenso de realizações que o Ministro aqui citou, em qualquer lugar do mundo – qualquer lugar do mundo – seria digno de

entusiasmo, porque, realmente, provavelmente depois de uma ação enérgica de governos anteriores, que conseguiram montar o sistema de telecomunicações no Brasil, é a primeira vez que se retoma esse sistema com energia e que se consegue, efetivamente, cumprir aquilo que é essencial, que é atender melhor e mais barato ao público. Só que agora, em novas condições, porque o mundo mudou. Nós temos que nos adaptar, criativamente, às novas condições do mundo. E é o que está acontecendo, precisamente, no Ministério das Comunicações.

A formação dessa agência, a Anatel, assim como das agências que virão em seguida, a Aneel, na área de energia, e a Agência Nacional de Petróleo constituem marcos significativos da reforma do Estado. É muito fácil falar, mas é muito difícil realizar reformas, muito difícil. Nós estamos nesse processo de transformação e nesse processo de reformas. E é importante assinalar que na Anatel nós temos não só um marco inicial, mas um exemplo. Eu estou sendo apresentado àqueles que vão ser membros da Anatel. Claro que eu os conheço, pelos currículos. Claro que nós discutimos. E quem imaginar que o Presidente da República no Brasil não está informado do que ocorre, está muito longe da realidade, porque, embora normalmente eu não goste de parecer uma pessoa *workaholic*, nem muito minucioso, na verdade, eu procuro não ser cansativo nas minhas buscas de saber o que está acontecendo e no meu afã de trabalhar o tempo todo.

De modo que nós discutimos. E o Ministro Sérgio, os senhores conhecem, é, muito mais do que eu, devotado ao trabalho e à minúcia. De modo que nós discutimos, minuciosamente, as questões. E posso lhes assegurar que os senhores, que hoje assumiram a Anatel, assumiram pelos méritos próprios. Não têm padrinhos. Um Brasil que se preza tem que ser um Brasil que premia aqueles que têm méritos, que têm capacidade. Podemos errar na avaliação dos méritos. Mas o que se buscou fazer foi a avaliação de méritos, tanto dos que vão para a Anatel quanto dos que ficam no Ministério das Comunicações. E eu espero que os que vierem a ficar no Ministério das Comunicações saibam que ficam porque lá são imprescindíveis, porque lá o trabalho há de continuar. Nós

temos um longo processo de privatização pela frente, assim como nós temos muito que fazer na ECT.

Talvez fosse até desnecessário dizer o que estou dizendo. Mas é bom que o País saiba que nós vivemos outra época, em que, efetivamente, se busca, crescentemente, basear as decisões no conhecimento e avaliar as pessoas pelo seu desempenho, pelo seu mérito. Não é fácil. Muitas vezes há resistências, muitas vezes há pressões. Pressões são palavras que a mim não me preocupam muito. Eu vejo, muitas vezes, nos jornais: pressão para cá, pressão para lá. Quem vai assinar o ato sou eu, não me preocupo com pressões, elas não chegam até mim. Claro, isso não significa que nós estejamos o tempo todo refletindo forças da sociedade, avaliando os efeitos das decisões sobre o conjunto, inclusive sobre os conjuntos sociais e políticos que sustentam o Governo, que sustentam a Nação. Mas, sempre com a preocupação do desempenho.

E acredito que nós tenhamos, realmente, avançado muito nessa direção. E isso é mérito do Ministro, e indiscutível, e toda a gente sabe, mas é mérito também de uma equipe extraordinária. Eu já tive oportunidade de me referir mais de uma vez. Já até citei para o Ministro nome de pessoas que eu nunca tinha visto, e até hoje eu nem conheço alguns. Mas como eu acompanho, eu sei, por opiniões e por leituras, às vezes, aqui e ali, do desempenho de muitos dos senhores aos quais nunca tive o prazer de ser apresentado e, certamente, nunca pudemos sentar para tomar um café juntos, porque eu cada vez tomo menos café, já que o tempo não sobra. Mas de qualquer forma, o mérito é daqueles que se dedicaram e dos consultores também, que realmente se empenharam. Foi preciso uma quantidade imensa de pessoas para que nós pudéssemos chegar a constituir a Anatel e a levar adiante um ousadíssimo programa de privatizações – um programa de privatizações que irá para frente.

E veja porque eu me refiro aos técnicos, aos funcionários, a esse entrosamento, ao espírito de liderança do Ministro. Refiro-me a isso porque, ainda agora, há poucos minutos, conversava com o presidente do conselho da Motorola, que é uma empresa que todos os senhores conhecem, de grande importância, e que veio reafirmar os seus investimentos no Brasil. E a conversa me pareceu sumamente interessante,

porque o que ele disse é alguma coisa que deve se aplicar a vários níveis da atividade humana. É que é preciso inovar, e que nunca se sabe, de antemão, de onde é que vem a inovação. E a inovação às vezes é uma surpresa, e que é preciso acreditar nisso e apostar nas surpresas e essas inovações têm um embasamento, hoje, científico e tecnológico, sobretudo nessa área de comunicações. Ninguém irá para frente se não for capaz de captar o que está acontecendo de criatividade. E quando as burocracias se fecham e não são capazes de captar a criatividade, elas ficam inúteis e passam a servir a elas mesmas e a dar pouca atenção às demandas do país.

Aqui houve o oposto. Os corpos técnicos, os corpos de funcionários se abriram ao Congresso. E aí, sim, entra legitimamente a parte da política do Congresso que debate, discute a lei, modifica, como modificou, ativamente, mas se abriram também à inovação tecnológica. Estou sabendo que, até mesmo, instituições de pesquisas, não só nossas de governo, como agora no caso da Motorola, que vai ter também um ramo da Universidade plantado em Jaguariúna, pertinho de Campinas, onde a companhia tem um centro de pesquisas importante.

O mundo do futuro depende disso, depende da criatividade, e os senhores têm sido canais de transmissão dessa criatividade e são capazes, portanto, de levar adiante grandes transformações. É com esse espírito que os saúdo. E quero dizer também que em todos esses momentos o Governo tem atuado em conjunto. Aqui está o Presidente do BNDES, que hoje é peça-chave na sustentação de várias políticas de governo. O BNDES mudou inteiramente, ele está ativo e está participando da reorganização da nossa capacidade produtiva. E também, como é muito afim com a questão em telecomunicações, é preciso que nós todos entendamos que capacidade produtiva, hoje, não quer dizer apenas água, não quer dizer apenas máquinas, quer dizer, sobretudo, *software*, quer dizer, sobretudo, capacidade que as pessoas venham a ter de utilizar o cérebro. E que hoje o capital que mais conta e que não é contabilizado nas estatísticas, muitas vezes não o é. Quando se medem as taxas de investimento, o investimento principal é deixado de lado: o investimento que deriva da massa cinzenta, o investimento que deriva da sinergia

que se produz quando pessoas inteligentes e competentes, nas suas especialidades, se põem juntas e renovam buscando, não a complexidade, mas a simplicidade, porque o mundo avança quando as pessoas são capazes de criar coisas que tornam mais acessível o conhecimento ou mais disponíveis os bens.

De modo que essa fusão que está existindo hoje, e que implica, portanto, nova concepção de como o Governo se organiza, de como existem interações e sinergia entre um banco, um laboratório de pesquisa, uma burocracia, uma decisão da lei, uma ação na Casa Civil, tudo isso, hoje, tem que ser pensado de uma maneira muito mais dinâmica. E eu creio que o exemplo dado aqui com a presença da Anatel é fundamental. Não quero falar além do limite razoável, pois nós temos o vezo de falar muito e eu já falei muito hoje de manhã, mas acredito que seja importante dizer que tudo isso ganha um sentido ainda maior quando resulta disso – como é o caso das que nós estamos assistindo no sistema Telebrás e que agora passará a ter a política controlada pela Anatel – um barateamento dos produtos e dos serviços. E que as camadas mais pobres da população passam a ser atendidas.

Não tem sentido, sobretudo num país como o Brasil, que nós estejamos nos dedicando, o Estado brasileiro, o Governo, a atender apenas às camadas de capacidade de renda elevada. Nós temos que, efetivamente, atender às camadas de mais baixa renda.

E essas transformações todas, como disse o Ministro aqui, sobre o custo da telefonia, tudo isso é certo. Provavelmente vai ser cada vez mais difícil poder falar sem um barulhinho de celular atrapalhando a fala.

Mas, de qualquer maneira, isso significa, também, o acesso à informação. Isso é democracia também. Vem junto. O acesso à informação é que permite ampliar a participação. E isso eu creio que tem que ser norma, norte de um governo democrático, como é o nosso. E em quaisquer circunstâncias.

Ainda agora, com essas dificuldades eventuais que nós enfrentamos com energia – e temos muita, de sobra, para enfrentar as que, eventualmente, possam ainda surgir –, mesmo quando seja necessário o momento de sacrifício, é preciso que os mais pobres não paguem o preço.

É preciso que haja medidas que, realmente, protejam os mais pobres, e é preciso fazer com que, até se quiser – num sentido filosófico, por um conceito de solidariedade – que os mais ricos, nas horas de dificuldade, sejam os que mais paguem, para que nós possamos retomar condições que propiciem um desenvolvimento maior e, portanto, um enriquecimento também maior.

Eu creio que é dentro desse espírito que o sistema de telecomunicações deve trabalhar, juntando capacidade criativa, organização política, no sentido adequado da palavra, respeito ao trabalho do profissional. Mas, sobretudo, voltado sempre para duas idéias-chave.

Primeiro, que nós vivemos numa democracia e que, portanto, o acesso à informação tem que ser o mais amplo possível. E, segundo, que nós temos que servir melhor e mais barato, para que os mais pobres possam ter as mesmas possibilidades de acesso que têm os mais ricos para que, efetivamente, nós possamos ser uma sociedade na qual possamos conviver, apesar das nossas diferenças, que coexistirão, de uma maneira decente e de uma maneira que tenha respeito pela dignidade humana.

Eu creio que o exemplo do trabalho de vocês é um exemplo a ser seguido por todos aqueles que estão preocupados – e são muitos – efetivamente, com as mudanças do Brasil e com o avanço da sociedade brasileira, e o avanço, em todos os níveis, da nossa capacidade, como governo, de atendermos aos anseios públicos.

Quero finalizar agradecendo, mais uma vez, por tudo que tem sido feito. E dizendo que eu confio, e confio imensamente nesse Brasil, porque esse Brasil tem gente, como esses milhares de pessoas, da área de telecomunicações, que têm trabalhado em conjunto, com tanto entusiasmo.

Muito obrigado.